


* Doutora em teologia sistemática-pastoral (PUC-Rio), Especialista em Educação (PUC-RS) e Psicóloga (CNP-BH). Realizou doutorado sanduiche na Universidade de Roehampton, Londres. É professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS) e no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP). Diretora do Centro de estudos de Gênero, Diversidade sexual e Violência (RJ). Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM) e da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Email: mcristinafurtado@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0078-3853>

Recebido em 31/07/2023

Aprovado em 03/11/2023

MULHERES, SOCIEDADE E A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

WOMEN, SOCIETY AND THE ROMAN CATHOLIC APOSTOLIC CHURCH

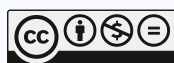
*Maria Cristina S. Furtado**

Resumo: A herança patriarcal da inferioridade da mulher, em termos intelectuais, ainda é grande em nossos dias, trazendo o desrespeito e a desvalorização da mulher, tanto nos espaços domésticos, como nos públicos, e religiosos. O resultado é a falta de participação decisória das mulheres, e a forte violência que vemos no dia a dia. Neste artigo, traremos um retrospecto histórico da violência contra a mulher desde a Bíblia (AT e NT), como esta visão negativa penetrou no cristianismo, e ajudou a chegar em nossos dias. Veremos como a mulher tem trabalhado intensamente para modificar esta realidade. Será também analisado como o movimento feminista tem sido importante nesta luta, e como o estudo da teologia pelas mulheres, levou-as a conhecerem o Deus libertador, possibilitando as teologias feministas, que com seus desdobramentos trouxeram novos olhares teológicos, e têm ensinado às mulheres a verem o seu potencial e lugar na Igreja. Finalmente, serão abordadas as pequenas mudanças que a Igreja Católica tem feito, desde a entrada do Papa Francisco, e as perspectivas futuras desejadas.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Sociedade. Amor incondicional.

Abstract: The patriarchal inheritance of women's inferiority, in intellectual terms, still looms large these days, bringing disrespect and devaluation of women into domestic spaces, as well as in the public and religious spheres. The result is the lack of female participation in decision-making processes, as well as the increasing violence we are witness to daily. In this article, we will bring a historical retrospective of violence against women since Bible times (OT and NT), how this negative view was inserted into Christianity, and reached our days. We will see how women have worked intensely to modify this reality. The feminist movement will also be analyzed in how important it has been in this struggle and how women's study of theology had led them to encounter the liberating God and enabled feminist theologies. These, with their developments have collaborated to bring new theological perspectives, teaching women to see their potential. Finally, it will address the small changes that the Catholic Church has made, since the arrival of Pope Francis, and the desired prospects.

Keywords: Violence. Woman. Society. Unconditional love.



INTRODUÇÃO

As mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída, através da escuta e do cuidado que manifestam com as necessidades dos outros e, com uma marcada capacidade de sustentar dinâmicas de justiça em um clima de ‘calor doméstico’, nos diferentes ambientes sociais em que se encontram para trabalhar [...]. (PAPA FRANCISCO, 08 out. 2020)

O Papa Francisco sempre diz palavras fortes e amorosas em relação à participação das mulheres, mas o que vemos, constantemente, na Igreja Católica, é a rejeição para a mulher estar nos principais ministérios. Na mídia, no atual momento, as mulheres têm sido amplamente festejadas, mas o que lemos, vemos, e ouvimos, diariamente, são notícias sobre a violência contra a mulher.

Seja violência física, psicológica, institucional, simbólica, e sexual é comum as mulheres serem, constantemente, ofendidas e difamadas por homens que se sentem ultrajados quando questionados, ou pressionados, de alguma forma, por uma mulher, já que para eles, as mulheres são consideradas seres inferiores, subalternas. Da mesma forma as mulheres são agredidas pelos maridos, namorados, ex-maridos, e assassinadas, quando tentam tomar as rédeas de suas vidas e/ou tentam romper seus relacionamentos.

A cultura patriarcal trouxe para a mulher, na contemporaneidade, a herança de ser considerada inferior em termos intelectuais, e ter grande capacidade afetiva, o que a qualifica para atividades domésticas e a desqualifica para a vida pública. Essa análise junto com os interesses da sociedade da época, dissociou o orgasmo da reprodução, e a mulher foi chamada a dispensar o prazer, e a se voltar para a família e a procriação. Para Elza Tamez, (2011, p.154), a raiz fundamental da violência de gênero encontra-se no fato do homem ter sido considerado “um ente superior, e a mulher inferior”. Uma visão que a relaciona ao mal, à tentação, à sedução, à Eva que instigou Adão a cometer o pecado, tornando-a maldita sobre a terra. Apesar de todas as lutas e conquistas, o patriarcalismo ainda é uma realidade, e essa visão da mulher, persiste em muitos ambientes, e entre eles, na religião cristã, em especial, na Igreja Apostólica Católica Romana.

Na sociedade ocidental os homens ocupam grande parte dos lugares de decisão, e as mulheres ainda têm pouca participação decisória. Em 2022, tivemos apenas 18% de deputadas federais mulheres, e de deputadas estaduais e distritais eleitas em todo país. Embora tenha sido um recorde, ainda é mínima a participação das mulheres nas decisões que dizem respeito à sociedade e a elas próprias (NEXO, 03 out.2022). A consequência disso, é a continuidade de decisões que favorecem ao sexo masculino sem a preocupação da implementação de políticas públicas que ajudem a diminuir a violência de gênero. Políticas que favoreçam uma educação não sexista, visando paridade entre os gêneros, respeito à liberdade das mulheres, equiparação salarial, o avanço de novas leis e a fiscalização para o cumprimento das que existem contra a violência doméstica, e todo o tipo de violência contra a mulher. Os números da violência no Brasil são preocupantes. De acordo com a pesquisa que nos traz Raissa Basílio, na revista CLAUDIA (3 mar.2023) “Em 2022, cerca de 21,5 milhões de mulheres acima dos 16 anos sofreram violência física ou sexual dos parceiros ou ex-parceiros e 18,6 milhões foram assediadas, de forma verbal ou física”.

Neste artigo, refletiremos sobre a violência de gênero que as mulheres ainda sofrem na atualidade, tanto na sociedade como na Igreja Católica Apostólica Romana, e mostraremos a sua luta para ter direitos igualitários.

1 RETROSPECTO HISTÓRICO

Na Bíblia, no A.T. encontramos mulheres citadas como líderes, juízas, profetisas e outras importantes ações, entre elas, Sara, Miriam, Raabe, Rute, Ana, Ester. Entretanto, de acordo com a teóloga Maria Clara Bingemer, em determinado momento, isso mudou. Quando a “circuncisão” passou a fazer parte do ritual de iniciação ao Judaísmo, a mulher passou a ser oprimida, inclusive, pela sua constituição corporal. Começou a receber menos mandamentos do que os homens, o que a diminuiu em sua dignidade, pois para o povo de Deus, a glória era viver segundo a lei de Deus. Nesta época, até os seus ciclos menstruais foram considerados impuros, e elas segregadas em muitas esferas da vida (FURTADO, 2022, p.115). No entanto, ainda de acordo com esta teóloga, “Jesus resgatou a dignidade das mulheres, pela sua práxis libertadora, e a Igreja Primitiva parece ter assimilado as esperanças de Jesus ao introduzir um ritual de iniciação não sexista, como o batismo” (BINGEMER, et al, 2008, p.92). Para ela, “o batismo trouxe uma ruptura radical com o passado, surgindo um novo modo de ser. Com esta ruptura o batizado se faz semelhante a Cristo, por uma morte semelhante à sua” (BINGEMER, 2010, p.36). Jesus foi revolucionário, e na Igreja Primitiva a mulher era ativa, engajada, discípula, missionária, líder, e responsável pelas igrejas domiciliares.

De acordo com Ana Maria Tepedino, Jesus não fazia acepção de pessoas. “A todos acolheu e com todos se relacionava da mesma forma” (TEPEDINO, 1990, p.82). Ela cita a feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza, dizendo que esta teóloga vai ainda mais além, quando afirma que as mulheres exerciam liderança, como apóstolas, em situação de igualdade com os 12” (IDEM, p. 90). Entretanto, o forte androcentrismo em Israel, decretava que o fato de se nascer homem ou mulher determinava um grau de maior ou menor dignidade da pessoa.

A teóloga Tereza Cavalcanti (2002, p.355), nos lembra que, na sociedade judaica, no século II d.C., os judeus rezavam três vezes ao dia uma oração em que “agradeciam por não ser mulher”. Talvez esta compreensão, ajude-nos a entender que a liderança de mulheres, dificilmente, poderia ser aceita por muito tempo, em uma sociedade, com tão fortes padrões androcêntricos. Este pode ser o motivo para que, entre os escritos de Paulo, onde há forte valorização da mulher, exista uma passagem, nas Cartas Paulinas que, no início do século XIX, passou a ser usada para marcar a mulher, na esfera doméstica, submetendo-a ao marido, mandando-a se calar na Igreja. Passagem não compatível com as ações de Paulo, que levou diversas mulheres a assumirem cargos de liderança em suas comunidades, inclusive, citando-as, nominalmente. De acordo com o biblista Jerome Murphy O'Connor (1996, p.296), esta passagem não foi escrita por Paulo. Teria sido uma inserção feita, posteriormente, como aconteceu com outras passagens.

Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja (1Cor 14,34-35).

Aos poucos o Cristianismo para penetrar no mundo grego e Romano, foi se afastando de alguns importantes aspectos da revolução de Jesus, e ao aproximar-se da filosofia estoicista, deixou penetrar em sua doutrina não só os aspectos positivos, mas uma forte negatividade sobre a sexualidade. Esta passou a ser vista como pecado, e admitida apenas em função da ‘procriação’. Com isto as mulheres voltaram a ser vistas como inferiores ao homem, e consideradas traiçoeiras e pecadoras. Pouco a pouco, foram

retiradas do trabalho apostólico, e as que decidiram consagrar sua vida a Jesus, foram recolhidas a clausuras, obrigadas a usar hábito, e a trabalharem às margens do poder. Segundo a historiadora Ana Maria Bidegain (2009, p.16), as mulheres foram colocadas em vida privada, e apesar de invisibilizadas pela história, continuaram exercendo não só uma função catequética, mas “exercendo funções de organização de redes ligadas ao poder econômico, social, educativo e religioso, dentro dos conventos.

Para o Jesuíta Gary Macy (2009a), a participação das mulheres era tão grande, que na Idade Média, até a metade do século XII, “as mulheres eram cogitadas para a ordenação como qualquer homem. Eram consideradas parte do clero”. Foram diaconisas, serviam como bispas, distribuíam comunhão, e até ouviam confissões. Para ele, “as evidências mais óbvias vêm dos ritos de ordenação” (2009a). Entretanto, quando começou a reforma religiosa, os reformadores resolveram afastar as mulheres para estabelecerem o celibato, e fizeram uma campanha colocando as mulheres como incapazes de exercer qualquer cargo na Igreja. Segundo Macy, em 1230, o ritual de ordenação sofreu duas importantes mudanças que até hoje são usadas para excluir as mulheres. 1) A ordenação sacerdotal se tornou uma cerimônia para conceder poder e novo estado espiritual. 2) A ordenação passou a ser focada em apenas um ministério, com o poder de consagrar o pão e o vinho durante a missa. Além disso, teve início um processo que procurou expurgar do cristianismo a memória da ordenação de mulheres (FURTADO, 2022, p.125).

No início da modernidade as mulheres sofreram ainda mais perseguição, com uma grande caça às feiticeiras. Segundo Jean Delumeau (2001, p.310). “A mulher foi identificada como perigosa agente de Satã, dentro e fora da Igreja Católica”. A partir do século XV, a Igreja enfatizou ainda mais o sexo como função procriadora, colocando o ato sexual que não levasse à procriação, entre os pecados contrários à natureza, e abusivos à sexualidade humana.

De acordo com a doutora em Ciência Política, Céli Regina J. Pinto (jun. 2010, p. 16) “durante a inquisição a Igreja católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis”. Houve ainda uma ampla difusão da doutrina cristã, e aos poucos, a necessidade da mulher de estar somente ligada à procriação, e a visão negativa da sexualidade, uniram-se às exigências da sociedade da época. No final do século XIX, os estudos biológicos, sem mencionar a carga cultural que existiam em suas análises, ajudaram a inferiorizar a mulher, dando a capacidade intelectual para o homem, e a capacidade afetiva à mulher. Esta foi a visão que chegou aos nossos dias.

2 A LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES

As mulheres não se conformaram com a situação de inferioridade que lhes foi conferida, e muito têm lutado para modificar esta situação. Elas procuraram se organizar, e já no início do século XX, os movimentos de resistência feminina multiplicavam-se e as conquistas começavam a acontecer. O movimento recebeu o nome de “feminista”, e as mulheres feministas foram consideradas indesejáveis, pois lutavam pelos seus direitos, sendo muitas delas, despedidas de seus empregos, presas, e até assassinadas. A primeira grande luta foi pelo “sufrágio”, e no Reino Unido, ainda no final do século XIX, as mulheres conseguiram o direito de votar. No Brasil, as mulheres só conseguiram o sufrágio, em 1930, quando foi promulgado o novo código eleitoral brasileiro. Mas, por volta de 1950, em mais de 100 nações o voto feminino era uma realidade.

Durante a segunda Guerra Mundial, o movimento feminista enfraqueceu, pois em muitos países, as mulheres precisaram assumir o trabalho que, anteriormente, era feito pelos homens, e o feminismo inicial só reaparecerá, com importância, na década de 1960.

Ele voltou revigorado, como um movimento libertário que deseja, não só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, “mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p.16). De acordo com esta autora, o mais importante foi mostrar a existência da dominação do homem sobre a mulher, cujas características são diferentes da dominação de classe.

Nessa época, a Igreja Católica realizou o Concílio Vaticano II (1962-1965). Um concílio que levou a Igreja Católica a mudar a compreensão sobre a sua presença no mundo, e realizou algumas aberturas, como a permissão para leigos, mulheres, jovens e adultos, participarem de seus centros de estudos. Estas e outras mudanças levaram as mulheres católicas acreditarem que a Igreja abriria as portas para a entrada nos ministérios, e faria alguma mudança em relação à sexualidade, principalmente, em relação à função reprodutiva. Mas não foi isso que aconteceu:

- A Carta Encíclica *Humanae Vitae*, em 25 de julho de 1968, assinada pelo Papa Paulo VI, reafirmou que qualquer ato matrimonial deveria permanecer aberto à transmissão da vida, e apenas o método do ‘ritmo’ continuaria a ser considerado lícito pela Igreja Católica.
- Em 1975, o Papa João Paulo II, disse ser impossível as mulheres atingirem ao ministério presbiteral, e a doutrina da Fé (CDF) justificou como sendo fidelidade ao Senhor, pois a Igreja nunca teria admitido que as mulheres recebessem a Ordenação presbiteral ou episcopal. (FURTADO, 2022b, p.139-141).

No entanto, mesmo impedidas de atingir os ministérios, as mulheres foram estudar teologia, e inspiradas no movimento feminista, e na espiritualidade do Deus libertador, da teologia da libertação, elaboraram a teologia feminista. De acordo com Elizabeth Schüssler-Fiorenza (1992, p.29), “a intuição básica de todas as teologias da libertação, incluindo a teologia feminista, foi o reconhecimento de que toda teologia quer queira quer não, é, por definição, comprometida em favor ou contra os oprimidos”.

Para Neiva Furlin (2011, p.144-147) existiram três fases de produção teológica das mulheres latino-americanas e brasileiras. Todas trouxeram novas hermenêuticas teológicas e interpretações bíblicas, ligadas a reflexões de ‘gênero’, entre elas:

- a dimensão feminina de Deus e a importância da mulher na Igreja primitiva; - a denúncia e o questionamento do caráter androcêntrico, patriarcal e demasiadamente racional na Bíblia e na teologia; - elaboraram a teologia ecofeminista (Ivone Gebara); - a teologia feminista pela perspectiva de gênero, onde o discurso normativo masculino deixou de ser universal, e o gênero passou a ser percebido como relações de gênero, e relações de poder. (FURTADO, 2022a, p.85-98).

Com muita persistência e capacidade, as mulheres, além de estudarem e escreverem, tornaram-se agentes pastorais, entraram nas Universidades Católicas como professoras, e nas Igrejas, como agentes pastorais, e desde então, espalham o seu saber. Hoje, são professoras de Teologia ou de Ciências das Religiões, coordenadoras de departamentos, diretoras, decanas. Possuem ampla produção, e muitas, por suas ações na Igreja, são reconhecidas, nas universidades do seu país, e internacionalmente, embora, sintam que seus trabalhos e textos teológicos ainda sofrem discriminação, dentro da Igreja. Sempre há aqueles que procuram diminuir o que fazem, e negar a seriedade da produção teológica das mulheres.

A teologia feminista não é homogênea, e muitos preferem dizer “teologias feministas”. A compreensão da importância de gênero nas relações, e o aspecto social e psicológico que estas teologias trazem, possibilitaram novas pesquisas e conclusões, e

através das mais variadas ciências. Cito aqui as principais teólogas que falam sobre estes temas: - a teologia negra (Cleusa Caldeira); - as teologias libertadoras inclusivas LGBTQIA+ (Maria Cristina S. Furtado), a teologia Queer (Marcella Althaus-Reid, Lisa Isherwood, Ana Ester), a teologia lésbica (Mary Hunt), a teologia ecológica, a teologia pós e decolonial, a teologia ecumênica, interreligiosa etc. (FURTADO, 220a p.88-93).

3 PAPA FRANCISCO E AS MULHERES

Desde a entrada do Papa Francisco, o tema da igualdade feminina, voltou a ser debatido na Igreja. Algumas mulheres foram chamadas para participarem destes debates, entretanto, reconhecem estar sendo difícil fazer qualquer mudança. Um número considerável de padres, bispos e cardeais, parece que ainda não conseguiram ver a mulher como alguém que possa acrescentar novos olhares e experiências. Phyllis Zagano, membro da comissão dos estudos sobre o Diaconato, diz que o trabalho realizado não foi conclusivo, pois ao final, havia bispos e cardeais contrários, e outros favoráveis. Dessa forma, a decisão para a Igreja Universal deve ser aplicada pelas Conferências episcopais, ou seja, pelos bispos individuais (IHU, 17 mai. 2019).

A grande novidade que trouxe o Papa Francisco em relação às mulheres foi, inicialmente, ter dado cargos decisórios a algumas mulheres, e mais recentemente, modificar o Cânon 230, § 1º do Código de Direito Canônico, permitindo que as mulheres assumam os ministérios de leitor e de acólito. O primeiro, relacionado com a Palavra, e o outro, com a Eucaristia. Para o prof. Pe. Antônio J. de Almeida, as mulheres agora podem ser instituídas, o que é diferente de ordenadas. “Para alguém se tornar bispo, presbítero, ou diácono são-lhe impostas as mãos, e realizada a oração consagratória que introduz ao ministério pastoral, na hierarquia da Igreja; e para os outros ministérios, a pessoa é estabelecida numa determinada posição”. Segundo Almeida, as viúvas, e as mulheres, em geral, não eram ordenadas até a Idade Média, e sim instituídas (IHU, 2021).

Esta modificação no cânon, provocou muitas reações, pois, para alguns, o impedimento legal foi removido, e isto, vai além do que possibilitou para as mulheres, neste momento, e simbolicamente é muito importante. Para os progressistas, foi um passo importante para as mulheres virem a assumir os ministérios principais. Afinal, para eles, homens e mulheres cristãos são, pelo batismo, iguais em dignidade. Para os conservadores, isto é inconcebível (IHU, 2021).

É importante dizer, que as mulheres se encontram ainda mais ativas, organizando-se, dentro e fora da Igreja, em diferentes movimentos, e cada dia conseguindo mais vitórias em relação aos seus direitos.

Dentro da Igreja Católica são vários os movimentos de mulheres existentes. Uns mais independentes, e outros mais ligados ao clero. Entre eles, cito o Conselho Mundial de Mulheres Católicas (CATHOLIC WOMEN'S COUNCIL - CWC), onde sou uma das representantes brasileiras junto com Ivenise Santinon; e a União Mundial das Organizações femininas católicas. Ambos têm trabalhado, incessantemente, para que os bispos recebam as suas reivindicações, de modo que possam ser debatidas, no Sínodo, em outubro de 2023, e em 2024. Entre as mulheres teólogas, vários grupos também têm se formado. Cito aqui, duas redes das quais faço parte: a rede *Teomulher*, em que sou uma das fundadoras. Ela existe, desde 2018, e busca unir e divulgar os trabalhos realizados pelas teólogas; e a recém-formada, Rede Brasileira de Teólogas, que já conta com mais de 90 participantes.

As reivindicações das mulheres têm chegado ao Vaticano, e o Papa Francisco não se mostra indiferente a estas ações. Ao contrário, foi publicado um documento que convocou

70 pessoas entre padres, religiosas, diáconos e leigos católicos, que foram escolhidos para as Conferências Episcopais Nacionais (CNN. BRASIL, 26 abr. 2023). Destes 50% são mulheres que têm direito a voto. Entre as mulheres encontra-se Sonia Gomes de Oliveira, Presidente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil. (G1. Grande Minas, 8 jul. 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retrospecto histórico, neste artigo, mostra-nos: - o quanto o processo de inferiorização e invisibilidade da mulher tem acompanhado a história da mulher, e como o cristianismo tem colaborado para isso. - Como o movimento feminista, sempre apontado como subversivo, e criticado pelos setores conservadores, dentro e fora da Igreja, foi e é crucial, na luta pelos direitos das mulheres. - A teologia feminista ou teologias feministas são um marco na produção das mulheres na Igreja, e crucial para a pluralidade teológica hoje existente. - A importância do conhecimento para as mulheres, e de sua organização em grupos de mulheres. - E finalmente, o quanto as mulheres são importantes para a Igreja, e para o mundo.

A luta da mulher na sociedade, na teologia e na Igreja Católica Apostólica Romana continuará por longo tempo. Quanto mais a mulher estudar, produzir, e se encontrar nos espaços públicos, universitários e pastorais, seus trabalhos e ações abrirão mentes e corações, e ela contribuirá para a Igreja, em saída, tão desejada pelo Papa Francisco e como ele próprio diz:

Escuta, meditação, ação amorosa: esses são os elementos constitutivos de uma alegria que se renova e se comunica aos outros, através do olhar feminino, no cuidado da Criação, na gestação de um mundo mais justo, na criação de um diálogo que respeite e valorize as diferenças. (PAPA FRANCISCO, 08 out. 2020)

Para a continuidade da luta, algumas mulheres que foram fundamentais no passado, precisam ser lembradas para continuarem a inspirar as mulheres, da atualidade. Vanildes Gonçalves dos Santos (s/data), professora da Universidade Católica de Brasília (UCB), pede em oração:

Que a coragem e sabedoria de Maria Madalena e de tantas mulheres, que fizeram parte do movimento de Jesus, continuem a nos inspirar na luta contra todas as formas de violências contra as mulheres (nas casas, nas ruas, favelas, campos, florestas, templos, trabalhos, escolas, redes sociais...)”.

Como mulher, católica, só posso desejar e rogar para que todas as mulheres, inspiradas na coragem de Maria Madalena, e como ela, envolvidas pelo amor incondicional de Deus, continuem a anunciar que viram Jesus, e o que Ele disse (Jo.20,18). E sob o manto de Maria, em oração com todos os irmãos e irmãs, digamos, “façam tudo o que Mestre Jesus mandar” (Jo 2,3-5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Raissa. *30 milhões de mulheres sofreram abuso em 2022, aponta pesquisa*. Claudia. Disponível em: 30 milhões de mulheres sofreram abusos no Brasil em 2022, aponta pesquisa | CLAUDIA (abril.com.br). Acesso em 9 de julho de 2023.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

- BINGEMER, M. C. L. et al. *Otherness as Path toward Overcoming Violence: A Comparative Study of Emmanuel Lévinas and Simone Weil*, v.3, 2008. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BINOAP-3LévinasStudies>. Acesso em 30 de julho de 2023.
- BINGEMER, M. Clara. O Batismo, fonte do ministério cristão. O caso das Comunidades Eclesiais de base (CEBs). *Revista Concilium*, n.334, 2010.
- CAVALCANTI, Tereza Maria. Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos. *Revista Atualidade Teológica*, n. 12, 2002.
- CNN. BRASIL. Papa Francisco permite que mulheres votem no Sínodo de Bispos. Disponível em: [Papa Francisco permite que mulheres votem no Sínodo de Bispos \(cnnbrasil.com.br\)](http://www.cnnbrasil.com.br). Acesso em: 30 de julho de 2023.
- CWC. Roma 2023. Disponível em: <https://www.catholicwomenscouncil.org>. Acesso em 07 de julho de 2023.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Comp. das Letras, 2001.
- FIORINZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Rever*. Ano 11, n.01, Jan/Jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.21724/rever.v11i1.6034>. Aces. 24 mar. 2022.
- FURTADO, Maria Cristina. A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas. *Ephata*, 4, n.2, 2022a.
- FURTADO, Maria Cristina S. *A inclusão de todas/os/es*. Uma leitura teológica da violência de gênero: mulheres e LGBTQIA+. De Girard e Lévinas à ética da inclusão. Recriar: São Paulo, 2022b.
- G1. *Grande Minas*. Montes-clarense é escolhida para participar do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2023/07/08/montes-clarense-e-escolhida-para-participar-do-sinodo-dos-bispos.ghtml>. Acesso em: 15 de julho de 2023
- IHU. Instituto Humanitas Unisinos. *Phyllis Zagano: sobre as mulheres diaconisas o Papa quer uma ampla discussão*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/589247-phyllis-zagano-sobre-as-mulheres-diaconisas-o-papa-quer-uma-ampla-discussao>. Acesso em 07 de julho de 2023.
- IHU. Instituto Humanitas Unisinos. *Mulheres leitoras e acólitas: Significado da mudança*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/606927-mulheres-leitoras-e-acolitas-significado-da-mudanca#:~:text=Mulheres%20agora%20podem%20ser%20E%28%29Cinstitui%C3%ADdas,assu%20oficialmente%20numa%20fun%C3%A7%C3%A3o%20eclesial>. Acesso em 10 de julho de 2023
- MACY, Gary. *A igreja deveria cogitar o retorno à ordenação de mulheres*. Entrevista concedida a Márcia Junges. Disponível em: http://www.lhuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295. Acesso em 13 de julho de 2023
- NEXO. *Com 91 deputadas eleitas, Câmara terá recorde de mulheres*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2022/10/03/Com-91-deputadas-eleitas-C%C3%A2marater%C3%A1-recorde-de-mulheres>. Acesso em 03 de julho de 2023.
- O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, p. 15-23, 2010. Acesso em 30 de julho de 2023.
- SANTOS, Vanildes Gonçalves dos Santos. *Maria de Magdala e as mulheres do movimento de Jesus. E-book*. Campanha Nacional de enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher. Disponível em: <https://pj.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Maria-de-Magdala-e-as-Mulheres-no-Movimento-de-Jesus.pdf>. Acesso em 27 de julho de 2023.
- TAMEZ, Elza. *Religião, gênero e violência*. *Koinonia: Agenda Latina Americana*, 2011. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=353>. Acesso em 20 de julho de 2023.

TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

UNIÃO MUNDIAL DOS ORGANISMOS FEMININOS CATÓLICOS. Disponível em: https://pt.everybodywiki.com/Uni%C3%A3o_Mundial_dos_Organismos_Femininos_Cat%C3%B3licos. Acesso em 30 julho de 2023.

Vatican News. PAPA FRANCISCO: As mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-mensagem-conselho-mulheres-pontificio-cultura-out.html>. Acesso em 28 julho de 2023.